

1-2013

## A Lógica da Páscoa de Cristo

Agostinho Tavares

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

---

### Recommended Citation

Tavares, A. (2013). A Lógica da Páscoa de Cristo. *Missão Espiritana*, 21-22 (21-22). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol21/iss21/26>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

## 13 - A Lógica da Páscoa de Jesus

*«Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto. Quem ama a sua vida, perdê-la-á, e quem neste mundo aborrece a sua vida conservá-la-á para a vida eterna. Se alguém quer servir-me, que me siga» (Jo 12, 24-26a).*

Não foi apenas a ruptura com os sonhos paternos que Cláudio Poullart des Places teve de realizar para seguir Jesus Cristo e ser fiel à vontade de Deus. Na verdade, na medida em que vamos correspondendo à graça, Deus leva-nos sempre para mais longe, porque nos interpela e nos move com a força do seu amor infinito.

A outra ruptura que Cláudio Francisco viveu tocou na raiz do seu ser, na profundidade da sua alma: foi a ruptura com o «coração de pedra» – coração endurecido pelo egocentrismo, mais concretamente pela ambição – a fim de poder receber de Deus, pela força do Espírito, um «coração de carne», capaz de amar sem medida, até à oferta da própria vida. Eis como ele fala desta ruptura:

*«Vamos, minha alma, é tempo de te renderes a tantas perseguições amáveis. É necessário que, por assim dizer, mude de natureza, que me despoje do velho Adão para me revestir de Jesus Cristo. Meu Deus, terei inimigos a combater. Defendi-me contra estes tentadores, e visto que o mais temível é a ambição, a minha paixão dominante, humilhei-me, abatei o meu orgulho. Consinto nisto, meu Deus, contanto que me ameis sempre e eu vos seja querido».*

Esta ruptura tão radical, dificilmente se faz só num dia. Num dia, podemos tomar a decisão de mudar de vida. Mas a mudança como tal é progressiva, por vezes, quase imperceptível. Repare-se no processo de transformação de uma semente em planta. É algo de semelhante ao que aqui acontece. A mudança é progressiva e depende, antes de mais, da acção do Espírito, e, depois, da nossa fidelidade à graça (docilidade ao Espírito).

Esta é talvez a ruptura que mais dói. E dói, não porque Deus tenha gosto em ver-nos sofrer – como pode um Pai, que é Amor infinito, ter gosto em ver um filho querido sofrer? –, mas por causa da dureza do nosso coração. E quanto mais endurecido estiver o nosso coração, maior será a dor. Dor que é provocada pela nossa resistência à acção do Espírito; resistência que é causada por aquilo que em nós é a raiz do pecado: orgulho, ambição, vaidade, avareza, hipocrisia, luxúria...

Quando aceitamos entrar no dinamismo desta ruptura, começamos a trilhar o caminho da primeira bem-aventurança, o caminho da pobreza e da humildade.

Para Cláudio Poullart des Places, enveredar por este caminho

implicou realizar uma terceira ruptura, que marcou decisivamente a sua vida. Ruptura que levou a cabo em pouco tempo, embora de modo progressivo: a ruptura com o mundo aristocrata em que até então se movimentara. Por outras palavras: passagem do mundo dos ricos e poderosos para o mundo dos pequenos e pobres.

Começou por prescindir da carreira eclesiástica, recusando diplomas e optando por pertencer ao baixo clero; abandonou as vestes aristocratas; declinou benefícios; partilhou com os pobres; foi, por fim, viver com os pobres: pobre com os pobres e servindo os pobres. Daqui até ao dom total da vida foram apenas sete anos. Mas desta semente de amor lançada à terra, no campo dos pobres, nasceu a Congregação do Espírito Santo.

«Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto» (Jo 12, 24). É a lógica da Páscoa de Jesus. Não podemos segui-lo se não nos determinarmos a entrar neste dinamismo da vida que se dá; que se dá a Deus, em serviço de amor aos irmãos.

## 14 - A Purificação da Fé e do Amor

*«Disse Jesus ao que O tinha convidado: “Quando deres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos ricos; não vão eles também convidar-te por sua vez, retribuindo-te assim. Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. E serás feliz por eles não terem com que te retribuir; ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos”» (Lc 14,12-14).*

Após o retiro de conversão e discernimento vocacional, Cláudio Poullart des Places viveu momentos de grande fervor espiritual, que podemos situar no contexto da oração de afeição de que fala Francisco Libermann: «Estado de oração em que a pessoa, tocada por uma impressão sobrenatural e sensível, vai a Deus e ao que lhe pertence com violência. É uma oração de amor a Deus». Foi a partir dessa luz nova que o amor de Deus suscitou no seu coração que Cláudio Francisco fez o caminho de ida aos pobres, que o levou a fundar o Seminário do Espírito Santo.

Cerca de três anos e meio mais tarde, Poullart des Places, durante um retiro, que fez em Dezembro de 1704, escreveu:

«Não seria demasiado se tivesse lágrimas de sangue para chorar a minha miséria. Não sou mais do que um homem que tem alguma reputação de viver ainda, mas que está, sem dúvida, morto. Feliz de mim se na minha extrema desgraça não vou mais longe.